



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA – LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA – FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

ALCIVANDO KARO MUNDURUKU

**A CULTURA MUNDURUKANIA: Expressa nas obras de Daniel
Munduruku**

Itaituba – PA
2020

ALCIVANDO KARO MUNDURUKU

**A CULTURA MUNDURUKANIA: Expressa nas obras de Daniel
Munduruku**

Monografia de Graduação apresentada para
obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras
da Faculdade de Itaituba – FAI.

Prof.^a Me. Mara Aparecida Pereira do Nascimento.

Itaituba – PA

2020

Munduruku, Alcivando Karo. A cultura mundurukania expressa nas obras de Daniel MunduruKu. Alcivando Karo Munduruku. Itaituba: FAI, 2020.

51X f.: il.

Orientadora: Prof.^a Me. Mara Aparecida Pereira do Nascimento.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Itaituba, 2020.

1. Literatura. 2.Cultura. 3.Mundurukania. 4. Daniel. 5. Munduruku.

Nascimento, Mara Aparecida Pereira do. II. Faculdade de Itaituba. Itaituba, PA – BR, 2020.

ALCIVANDO KARO MUNDURUKU

**A CULTURA MUNDURUKANIA: Expressa nas obras de Daniel
Munduruku**

Monografia de Graduação apresentada para
obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras
da Faculdade de Itaituba – FAI.

Orientadora: Prof.^a Me. Mara Aparecida Pereira do
Nascimento

BANCA EXAMINADORA

Presidente/Orientadora: _____ **Nota:** _____

Prof.^a Me. Mara Aparecida pereira do Nascimento.

Avaliadora: _____ **Nota:** _____

Prof.^a Esp. Margaret Ferreira de Aguiar.

Avaliadora: _____ **Nota:** _____

Prof.^a Esp. Verônica Gomes Moreno.

Resultado: _____ **Média:** _____

Itaituba – PA, 29 de fevereiro de 2020.

Salve, salve!

*Chegaram de Portugal,
viram tanto verde, tanta mata,
tanta beleza sem igual,
que logo escreveram para a Coroa Real.*

*É, eram os portugueses se caravela,
Chegaram, aportaram, se apoderaram,
não perguntaram de quem era*

*Tinha dono a pátria amada,
Onde já se viu!
A preciosa, "idolatrada",
Salve, salve, hoje Brasil.*

*E o tempo foi passando,
lá se foram luas e sóis.
Trouxeram o africano,
e não faltaram os espanhóis.*

*E a chapa foi ficando quente
foi juntando povo,
foi chegando gente,
que se fez um país novo.*

*Veio um pouco de cada vez,
inglês, francês, chinês, japonês,
Gente da Alemanha, da Polônia
da Ucrânia, de "Pindamonhongonha",
italiano, turco e ainda o holandês*

*Uns vieram pra trabalhar,
outros pra enricar,
e outros pra se abrigar.
E era só de desembarca,
do conquista, do abraça.
E deu no que deu.
Desmataram, poluíram,
des-man-te-la-ram.
Viirou foi um zezeu.*

*Agora é preciso ajuda,
pra salvar a água,
e a verde mata da nação.
E é um "Deus nos acuda",
e salve, salve,
Salve o pulmão.*

Mara Nascimento (Webartigos,
2012).

Dedico meus pais Albino Karo Munduruku e Madalena Kirixi Munduruku, com certeza esteve sempre incentivando e torcendo os meus estudos para que tornasse uma pessoa caráter.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, tenha ele o nome de Tupã, Oxalá ou Jeová, criador do seu e da Terra, pela benção de concluir a trajetória deste curso de Licenciatura Plena em Letras.

Agradeço aos meus familiares por todo apoio e torcida para o meu êxito.

A Faculdade de Itaituba – FAI, pela oportunidade de formação em de nível superior, disponibilizada a tantos alunos indígenas.

Agradeço, a todas as professoras e contribuíram com seu conhecimento no decorrer de quatro anos, em especial, a professora Danile e Walbea.

À professora Mara, também pelas aulas ministradas na minha turma, durante o curso todo e pela sua orientação para a produção deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

A todos os colegas de turma, em especial, a colega Kesia Silva Chagas e o Marcelo Karo Munduruku, que sempre teve a generosidade de auxiliar e contribuir.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1: Luiz Karai.....	27
Ilustração 2: Olivio Jekupe.. ..	28
Ilustração 3: Vangri Kaingáng	29
Ilustração 4: Graça Grauna.	30
Ilustração 5: Eliane Potiguara	32
Ilustração 6: Daniel Munduruku.....	34
Ilustração 7: Mapa da localização indígena no Brasil	35

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) se concentra no tema Literatura indígena em língua portuguesa, no caso, no escritor Daniel Munduruku. Objetivou-se identificar a cultura mundurukania expressa nas obras de Daniel Munduruku, buscar informações sobre escritores indígenas no Brasil e as principais obras, resgatar e fortalecer a identidade munduruku por meio de divulgação de sua arte literária e divulgar a cultura e identidade munduruku ao disponibilizar essa pesquisa na biblioteca da instituição. A metodologia encontra apoio teórico consultando autores tais como: Barros, (2001), Duarte, (2015.), Gonçalves (2013), entre outros, oferecendo uma visão holística dos costumes e tradições do povo indígena. A pesquisa é de natureza básica e quanto ao objetivo é exploratória. Utilizou-se como metodologia a abordagem qualitativa, para analisar, compreender e interpretar o objeto de estudo e analisar a perspectiva dos envolvidos na pesquisa. Objeto de análise trata-se da escrita literária de Daniel Munduruku, que têm recebido atenção da mídia e do meio literário por seu caráter indígena, didático, e informativo, representando uma riqueza para a compreensão da cultura indígena. Verificou-se que a produção literária indígena figura como uma arte genuinamente brasileira e o reconhecimento da importância do nativo pela população brasileira e até mundial, é um início importante no que se refere à valorização do rastro cultural desses povos tão singulares. Concluiu-se que conhecer os aspectos formadores da Literatura indígena ajuda a compreender como essa escrita é rica com suas lendas, mitos e crenças e acredita-se que esta literatura pode ser inserida na sala de aula para instigar o gosto pela leitura dos alunos, bem como para preservação da cultura. Portanto, esta monografia pode possibilitar a valorização cultural indígena, representando um avanço nesse sentido, inclusive, por meio do conhecimento sobre a obra de Daniel Munduruku, visto que expressa nos seus enredos a cultura típica e nativa, em específico, do povo Munduruku.

Palavras-chave: Literatura. Cultura. Mundurukania. Daniel. Munduruku.

ABSTRACT

This Course Conclusion Paper (TCC) focuses on the theme of indigenous literature in Portuguese, in this case, the writer Daniel Munduruku. The objective was to identify the mundurukania culture expressed in the works of Daniel Munduruku, to seek information about indigenous writers in Brazil and the main works, to rescue and strengthen the munduruku identity through the dissemination of their literary art and to disseminate the munduruku culture and identity by making this available research in the institution's library. The methodology finds theoretical support by consulting authors such as: Barros, (2001), Duarte, (2015.), Gonçalves (2013), among others, offering a holistic view of the customs and traditions of the indigenous people. The research is basic in nature and the objective is exploratory. The qualitative approach was used as a methodology to analyze, understand and interpret the object of study. and analyze the perspective of those involved in the research. The object of analysis is the literary writing of Daniel Munduruku, which has received media and literary attention for its indigenous, didactic, and informative character, representing a rich understanding of indigenous culture. It was verified that the indigenous literary production appears as a genuinely Brazilian art and the recognition of the importance of the native by the Brazilian and even worldwide population, is an important beginning with regard to the appreciation of the cultural trail of these very unique peoples. It was concluded that knowing the formative aspects of indigenous Literature helps to understand how this writing is rich with its legends, myths and beliefs and it is believed that this literature can be inserted in the classroom to instigate students' taste for reading, as well as for the preservation of culture. Therefore, this monograph can enable indigenous cultural valorization, representing an advance in this direction, including, through knowledge about Daniel Munduruku's work, since it expresses in its plots the typical and native culture, specifically, of the Munduruku people.

Keywords: Literature. Culture. Mundurukania. Daniel. Munduruku

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
2.1 O INDIGENA: ASPECTO SITUACIONAL E O PAPEL DA LITERATURA	14
2.2 A ESCRITA LITERÁRIA INDIGENA	18
2.3 A LITERATURA DE AUTORIA INDIGENA.....	25
3 METODOLOGIA	33
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	34
4.1 DANIEL MUNDURUKU: ASPECTOS BIOGRAFICOS	34
4.2 A ESCRITA LITERARIA DE DANIEL MUNDURUKU	36
4.3 A CULTURA MUNDURUKANIA NAS OBRAS DE DANIEL MUNDURUKU.....	38
5 CONCLUSÃO	49
REFERÊNCIAS	50

1 INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) se concentra no tema Literatura indígena em língua portuguesa, no caso, no escritor Daniel Munduruku, então, objetivou-se identificar a cultura mundurukania expressa nas obras de Daniel Munduruku, buscar informações sobre escritores indígenas no Brasil e as principais obras, resgatar e fortalecer a identidade munduruku por meio de divulgação de sua arte literária e divulgar a cultura e identidade munduruku ao disponibilizar essa pesquisa na biblioteca da instituição.

A representação do nativo indígena é ainda hoje problemática, já que continua a afirmar os estereótipos e imagem equívoca da população Indígena. Para combater este problema, o próprio povo nativo tem se levantado para produzir obras que tenham o índio real no centro de suas histórias.

Para a escolha do assunto deste estudo partiu das seguintes problemáticas: a literatura dos povos indígenas ganha destaque nas narrativas míticas, lendárias com representações das ancestralidades tribais. No entanto, essa literatura ainda é praticamente desconhecida e pouco ou quase nunca trabalhada nas escolas. Outro problema detectado: a representação do nativo indígena é ainda hoje problemática, já que continua a afirmar estereótipos e imagens equívocas da população indígena. Para combater este problema, o próprio povo nativo tem se levantado para produzir obras que tenham o índio real no centro de suas histórias. Portanto, justifica-se a escolha de Daniel Munduruku para evidenciar a cultura mundurukânia porque esse autor se destaca como um dos principais escritores indígenas que conquistou o mundo, levando ao reconhecimento da cultura do seu povo para a sociedade.

Na elaboração do projeto para a monografia, para orientar a busca de materiais para dar início à pesquisa foram formuladas as seguintes questões norteadoras: Quais as informações sobre escritores indígenas no Brasil? Quais as principais obras Indígenas brasileiras? Quem é o escritor Daniel Munduruku e quais suas obras? De que forma a cultura mundurukania é expressa nas obras de Daniel Munduruku?

A metodologia encontra-se apoio teórico consultados em autores tais como: Barros, (2001), Duarte, (2015.), Gonçalves (2013), entre outros, oferecendo uma visão holística dos costumes e tradições do povo indígena. A pesquisa é de natureza básica e quanto ao objetivo é exploratória. Utilizou-se como metodologia a abordagem qualitativa, para analisar, compreender e interpretar o objeto de estudo. e analisar a perspectiva dos

envolvidos na pesquisa. Objeto de análise trata-se da escrita literária de Daniel Munduruku têm recebido atenção da mídia e do meio literário por seu caráter indígena, didático, e informativo, representando rica para a compreensão da cultura indígena.

Para a realização e concretização desta monografia elaborou-se um cronograma, que foi desenvolvido a começar pelo mês de janeiro de 2019, culminado seu fechamento com a defesa do trabalho de Conclusão de curso no mês fevereiro de 2020. As atividades compreenderam: escolha do tema, revisão bibliográfica, elaboração do pré-projeto, análise dos dados, elaboração dos resultado discussões, redação correção do trabalho, entrega da monografia para protocolo de defesa, elaboração do slid para a defesa, apresentação para banca examinadora, correção pós-banca e entrega da monografia, com as devidas correções para arquivo da instituição.

Este estudo estrutura-se, primeiramente, nesta introdução apresentando, principalmente, os objetivos, a problematização motivadora e a justificativa. A fundamentação teórica primeiramente, traz um apanhado gerada problematização situacional do indígena brasileiro e o papel da literatura na quebra de estereótipos e preconceitos, em especial no âmbito escolar. Na sequencia aborda-se os aspectos conceituais e histórico evolutivo da a escrita literária indígena no país, fechando-se o assunto com a literatura de autoria indígena, compreendendo suas especificidades e alguns autores em destaque. Nos resultados e discussões apresenta-se o autor Daniel Munduruku, objeto de estudo deste TCC, analisando-se a cultura mundurukania expressa nas suas obras. Finaliza-se a monografia com a conclusão da pesquisa e com a apresentação das referências utilizadas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O INDÍGENA: ASPECTO SITUACIONAL E O PAPEL DA LITERATURA

O indígena tenta se inserir na sociedade não índia, mas dificilmente consegue pelas investidas dos não índios, sofrendo preconceitos e represálias. As expectativas dos não-índios, com relação ao índio, atrapalham a inserção indígena na sociedade brasileira (GONÇALVES, 2013). Portanto, a temática indígena certamente carece de estudo e atenção.

Desconsiderado e maltratado, sofrendo preconceitos que tiveram origem com os colonizadores portugueses e foi continuado pelos que destes descenderam, ou seja, a maior parte da população brasileira. Pela ação direta ou indireta do homem branco, que perseguiu, escravizou e transmitiu todo tipo de doenças e males, o índio brasileiro acabou se tornando um grupo minoritário (DUARTE, 2015, p. 78).

Lembrando que no passado seu histórico que aponta para nações indígenas dizimadas, bem como, línguas e culturas próprias de cada tribo apagadas. Esses povos, verdadeiros fundadores de uma cultura genuinamente brasileira, eram levados, pelo descaso e pelo preconceito, a ter vergonha de ser índio, renegando sua própria condição.

A situação do indígena no Brasil é mais complexa que a do negro, pois mesmo sofrendo discriminação e preconceito de raça por, entre outros, ainda assim, o negro se encontra completamente inserido, fazendo parte da sociedade contemporânea. Já o indígena, está à parte da sociedade, vivendo isolado (GONÇALVES, 2013).

Cita-se o alcoolismo também como um rótulo estabelecido na raça indígena, porém há responsabilidade pelo alcoolismo indígena do homem branco, que oferece a bebida no intento de fragilizar aquele que já é frágil, visando, se apropriar das terras. Segundo Daniel Munduruku (2004) é preciso olhar para si mesmo e perceber-se indígena com sua identidade. A partir disso, haverá reconquista de uma ancestralidade indígena que é latente e que precisa ser reforçada para que vá apagando a imagem negativa, os estereótipos.

O MunduruKu, etnia de Daniel mundurucu, o autor estudado neste TCC, é um povo de tradição guerreira, que dominavam culturalmente a região do Vale do Tapajós, que nos primeiros tempos de contato e durante o século XIX era conhecida

como Mundurukânia. Hoje, suas guerras contemporâneas estão voltadas para garantir a integridade de seu território, ameaçado pelas pressões das atividades ilegais dos garimpos de ouro, pelos projetos hidrelétricos e a construção de uma grande hidrovía no Tapajós.

Nas aldeias existem escolas há um bom tempo. A Educação Escolar Indígena diz respeito à escola projetada para os índios de acordo com as características próprias de cada povo. Esse novo modelo de escola surgiu pautado no paradigma do respeito ao pluralismo cultural e de valorização das identidades étnicas. Ela deve ser comunitária, intercultural, bilíngue/multilíngue, específica e diferenciada (BRASIL, RCNEI, 1998, p. 24).

As crianças vão às aulas no período do dia. Aprendem a ler e a escrever, em português e em Munduruku. No Brasil, existem cerca de 2765 escolas indígenas diferenciadas e cerca de 246 mil discentes índios matriculados – 22 mil alunos na educação infantil; 175 mil no ensino fundamental; 27 mil no ensino médio; 21 mil na Educação para Jovens e Adultos (EJA); um mil na educação profissional e 9 mil no ensino superior –, segundo informações do Censo Escolar 2010 (GESSE, 2011).

Os professores são os próprios índios já alfabetizados e treinados para dar aulas. Assim, os índios aliam o útil ao agradável, ou seja, unem a escola formal, onde aprendem conteúdos formais homem branco, que irão ajudá-los a compreender melhor a sociedade envolvente, como Matemática, Português, Ciências, Geografia e outras disciplinas (grifo nosso) .

Há no país, cerca de 12 mil professores indígenas, dos quais 2 mil são graduados e 3 mil estão em formação. São esses professores que assumiram primordialmente a confecção de seus próprios materiais didáticos, fazendo com que suas histórias, cantos, mitos e poesias passassem do âmbito da oralidade para o âmbito da escrita. Eles têm construído, a partir de suas práticas de trabalho, a literatura das suas comunidades (GESSE, 2011).

No campo da assistência médica, outro exemplo de problemática enfrentada, os Munduruku sofrem, como outros grupos indígenas brasileiros, o descaso das autoridades infantil entre elas. Doença como hepatite, malária, tuberculose, paludismo, pneumonia, entre outras, afetam crianças e adultos das noventa aldeias existentes na área Munduruku (grifo nosso).

O povo Munduruku têm mantido parte considerável de sua cultura nativa, apesar de mais de dois século de contato com a sociedade brasileira. O grupo vive

da caça, da pesca, da coleta. Tem desenvolvido a agricultura e a criação de animais domésticos, bem como, atualmente, da exploração dos garimpos de ouro na reserva.

Durante muitos anos a preocupação principal dos Munduruku foi a demarcação de sua área para evitar a invasão de garimpeiros, madeireiras e mineradoras, que destroem e degradaram seu meio ambiente. Então, o assunto sobre a cultura indígena sempre se direciona para terras e dinheiro. Há muito que o povo indígena Munduruku tenta afastar de seu território garimpeiros interessados no ouro que possa existir em suas terras. Em novembro de 2012, em uma ação da Polícia Federal, cujo alvo era o garimpo ilegal nas terras Munduruku, resultou em um indígena morto e seis feridos (BARROS, 2001).

São 120 aldeias distribuídas ao longo das margens dos rios das Tropas, Kabitutu, Kadiriri, Tapajós, Teles Pires, Cururu, Anipiri, Waredi e de vários afluentes. Então, atualmente, o povo Munduruku luta contra a instalação de usinas hidrelétrica na região do rio Tapajós. Essas comunidades encaminharam uma carta desesperada, em junho de 2013, pedindo em caráter de urgência a retirada das tropas armadas das suas terras e protestando contra a construção de hidroelétricas na região. Percebe-se que a questão vai além do cultural (BARROS, 2001, p. 15).

Estes são somente alguns dos problemas enfrentados pelos indígenas E e, mediante o exposto, considera-se que a Literatura é das mais importantes formas de quebra de preconceitos, fonte de informação, bem como, de preservação e divulgação da cultura. Portanto, também para combater problemas vividos, o próprio povo nativo tem se levantado, não só para produzir obras que tenham o índio real no centro de suas histórias, mas também para apontar e criticar o uso da imagem errônea do índio na literatura infantil contemporânea.

A literatura discute, esclarece e educa os jovens leitores, a fim de criar uma nova visão do indígena brasileiro. Nesse ponto, a literatura indígena pode ser vista não só como doutrinadora e voltada ao não-índio, mas também uma literatura de auxílio ao resgate cultural indígena, tanto quanto é escrita por um indígena quanto é lida e compreendida por indígena.

Segundo SANTOS (2017) a composição da literatura dos povos indígenas ganhou destaque com suas narrativas míticas, lendárias com representações das ancestralidades tribais, no entanto, essa literatura ainda é praticamente desconhecida e pouco ou quase nunca trabalhada nas escolas. O autor acredita que

esta literatura pode ser inserida na sala de aula para instigar o gosto pela leitura dos alunos:

O indivíduo que lê bastante está mais integrado ao seu meio, porém a leitura não é simplesmente decifrar códigos linguísticos. O ato de ler é bem mais que a definição da palavra propriamente dita, é entender, interpretar, debater e comparar. É também por meio da leitura que podemos conhecer nosso próprio contexto e as especificidades do lugar em que habitamos (SANTOS, 2017).

Nesse sentido, para trabalhar a temática indígena em sala de aula, observa-se algumas obras escritas por índios, selecionadas por Janice Thiel, uma especialista em Literatura Indígena, a pedido da Revista Carta Capital:

- **A Terra dos Mil Povos: História indígena do Brasil contada por um índio**, da autoria de Kaka Werá Jecupé (1998). O texto mostra o poder da palavra na tradição ancestral indígena, aponta a pluralidade de etnias, conta como os povos nativos leem o mundo, constroem suas identidades e suas relações com os não índios, revelam respeito pelo poder criador e pela terra.
- **Kurumi Guaré no Coração da Amazônia 92007**, do autor amazonense, de Yaguarê Yamã. a obra narra aventuras infantis e descreve o povo maraguá e ensinamentos dos povos da floresta, por meio de registros da memória do narrador. Este livro aponta para a expressão de identidade e tradição ancestral, contam histórias complementares e podem sinalizar a origem do texto na.
- **Wamrême Za'ra: Nossa palavra – Mito e história do povo xavante, de Sereburã**, de autoria de Sereburã; Hipru; Rupawê; Serezadbi e Sereñimirâmi (1998). Apresenta falas dos velhos sábios, inclui cartões-postais com ilustrações que narram histórias encontradas nos objetos de arte dos povos indígenas. Em edição bilíngue, o texto é acompanhado por desenhos de jovens artistas da aldeia, fotos dos xavante e dos warazu, não índios, e por um panorama histórico que vai do século XVI ao século XX.
- **Sepé Tiaraju: Romance dos Sete Povos das Missões** de Alcy Cheuiche (2012). A obra busca reconstruir figuras indígenas

heroicas. Destaca a resistência dos Sete Povos das Missões e de um dos líderes e guerreiros indígenas do Sul do Brasil, Sepé Tiaraju. No texto, Tiaraju é apresentado pela visão do colonizador, Michael, ou Padre Miguel. Seu olhar constrói o herói indígena e a história da colonização dos povos indígenas pela missão catequizadora dos jesuítas e pela política europeia. Documentos históricos, como os tratados de Tordesilhas e de Madrid, além de conflitos e migrações indígenas formam o contexto da obra. **O Karaíba: Uma história do pré-Brasil, de Daniel Munduruku (2010).** No romance *O Karaíba*, Munduruku narra a história de povos que viviam numa terra ainda não chamada Brasil. O texto apresenta uma profecia anunciada pelo velho Karaíba, de que “um grande monstro” viria e destruiria tudo. A obra apresenta costumes, crenças e leituras do mundo pela visão cultural indígena.

A introdução de obras literárias indígenas no espaço de leitura dos não-índios representa o estabelecimento de questionamentos e discussões acerca do lugar da alteridade, das identidades indígenas e a questão das estereotípias, conforme Chauí (1994).

A riqueza literária e pedagógica das narrativas indígenas escritas é imensa e merece um novo olhar acadêmico. Na contemporaneidade, a literatura escrita indígena alia-se à tradição oral para expressar toda a riqueza estética e milenar contida no legado mítico de cada comunidade (GESSE, 2011).

Portanto, é de suma importância a Literatura indígena, o que será explanado no próximo tópico, pois a escrita literária do índio contribui tanto para a transmissão da tradição oral, quanto para a tradução de documentos escritos em outras línguas para as línguas indígenas. Por fim, a literatura indígena, tipo de literatura da qual trata o presente trabalho, é produzida por indígenas para índios e para não-índios.

2.2 A ESCRITA LITERÁRIA INDIGENA

A cultura indígena é parte integrante na formação do conjunto cultural brasileiro, porém, sua presença e sua contribuição no âmbito das artes não

costumam ser percebidas, sendo possível afirmar que a riqueza cultural indígena precisa ser melhor compreendida a fim de que possa receber sua devida valorização o que inclui sua escrita literária (GESSE, 2011).

O povo brasileiro é formado pela mistura da cultura europeia, africana e indígena, os primeiros habitantes do território. Como uma população de cerca de 460 mil índios, de 225 povos, vivendo em territórios e reservas, além de outros tantos descendentes e mestiços vivendo nas cidades. Portanto, a população indígena no Brasil acaba por produzir escritores em diversas áreas, buscando afirmar sua identidade através de ensaios, romances, poemas e contos.

Por muito tempo, na tradição literária brasileira, o indígena foi descrito e pelo olhar do colonizador, no entanto, na contemporaneidade, o indígena começa a registrar sua própria história. Conforme Thiél (2012, p.47) “as textualidades indígenas têm no índio não só um referente, mas principalmente um agente”.

Quem lê os primeiros relatos sobre o Novo Mundo – diários e cartas de Colombo, Vespúcio, Caminha, Las Casas – observa que a descrição dos nativos da terra obedece a um padrão sempre igual: são seres belos, fortes, livres, “sem fé, sem rei e sem lei”. As descrições de Vespúcio, mais do que as dos outros, são de deslumbramento, particularmente quando se referem aos homens jovens e às mulheres. A imagem dos “índios” não é casual: os primeiros navegantes estão convencidos de que aportaram no Paraíso Terrestre e descrevem as criaturas belas e inocentes que viveriam nas cercanias paradisíacas. [...] Contraposta à imagem boa e bela dos nativos, a ação da conquista ergueu uma outra, avesso e negação da primeira. Agora, os “índios” são traiçoeiros, bárbaros, indolentes, pagãos, imprestáveis e perigosos. Postos sob o signo da barbárie, deveriam ser escravizados, evangelizados e, quando necessário, exterminados. Durante os últimos 500 anos, a América não cessou de oscilar entre as duas imagens brancas dos índios e, nos dois casos, as gentes e as culturas só puderam aparecer filtradas pelas lentes da bondade ou da barbárie originária. [...] Entre os efeitos dessa obra – colonização, evangelização, escravidão, aculturação, extermínio – destaca-se uma certeza de que os povos indígenas pertencem ao passado das Américas e ao passado do Brasil (CAHUI, 1994, p.12).

A escrita literária indígena surge por intermédio de representantes de etnias que utilizam a literatura como instrumento de divulgação dos seus costumes. A literatura indígena é produzida pelos próprios índios a partir das crenças e costumes tribais.

Hoje, o próprio índio escreve sobre os índios (e também sobre os brancos) para que, principalmente, outros índios leiam. Podemos dizer que está em processo de configuração, no Brasil, uma literatura do índio para o índio. Atualmente, é a figura indígena que se apresenta como matriz criadora: o

índio está se firmando enquanto sujeito de sua própria história. É seu olhar diante do mundo que se reflete naquilo que é contado e escrito. E, atualmente, a interferência do “branco” é cada vez menor e menos modificadora e até mesmo bem menos devastadora (GESSE, 2011).

Diversos povos tiveram chance de contar suas histórias, cada um a seu tempo, mas, principalmente, os povos brancos, pois sempre tiveram a vantagem da escrita e por isso puderam eternizar seu ponto de vista em livros (DUARTE, 2006). No entanto, novas vozes têm tido a oportunidade de compartilhar sua cultura com o mundo literário, ou seja, a voz das minorias, dos povos oprimidos, e dos conquistados, isso, gradativamente, desde meados dos anos 1970.

A literatura indígena é uma manifestação artística que traz à tona diversos elementos pertencentes ao universo indígena, dentre esses elementos podemos citar a presença da oralidade que cativa e instiga o imaginário do leitor. Essa literatura apresenta as muitas representações do imaginário por meio dos mitos, das lendas e dos costumes dos povos ameríndios que são caracterizados em narrativas lendárias em que seres humanos e não humanos compartilham do mesmo espaço (SANTOS, 2017).

Afirma Riche (2005) que por muitos anos o indígena era apenas personagem dos contos, histórias e ficções do não indígena, mas de um tempo para cá passou a ser protagonista da história, de sua própria história, apresentando em suas obras seu próprio ponto de vista sobre a realidade em que vive.

Os indígenas brasileiros, através da aquisição e do domínio da escrita, passam a fazer história, como produção de sentidos para a própria ressubjetivação. Não há história sem discurso. E a escrita e seus meios são instrumentos que os índios estão utilizando para configurar suas identidades. Identidades, não como essência, mas resultantes de processos de identificação do sujeito ao complexo de formações discursivas historicamente (ideologicamente) determinadas. O que se exige de um discurso não é uma verdade é uma lógica discursiva (ALMEIDA e QUEIROZ, 2004, p. 204).

Na escrita literária indígena, o narrador apresenta o saber-se índio, através da exaltação à natureza, pela fala de um avô sobre os valores ancestrais e tradições, enfim, marcando a diferença identitária entre o lugar e as pessoas de dentro e de fora da aldeia. Esse tipo de literatura distinguir-se por criações de caráter oral ou escrito, coletivas ou individuais, sendo estabelecida, pensada e estruturada a partir de padrões culturais e elementos estilísticos dos povos indígenas (FRANCA & SILVEIRA, 2014).

A literatura indígena é produzida pelos próprios índios, a partir das crenças e costumes tribais. “As textualidades indígenas têm o índio não só um referente, mas principalmente um agente. Ele escreve tanto para um público-alvo índio, quanto para os não-índios” (THIÉL, 2012, p. 47).

Por conta do domínio da escrita em Português e o desinteresse por parte do mundo literário brasileiro, obras de autoria indígena ocorreram somente em meados da década de 1980, até então, o tema indígena só aparecia nas obras de escritores na chamada Literatura Indianista, ou Romances Indianistas do século XIX, que representava o índio como herói nacional, em um retrato estereotipado e irreal, tais como *O Guarani* (1857), *Iracema* (1865) e *Ubirajara* (1874), de José de Alencar, além dos relatos e textos jesuíticos, como a obra de Padre José de Anchieta.

Informa Duarte (2015) que com a Constituição de 1988, o indígena começou a ser valorizado e sua língua foi reconhecida. A partir de então, foi garantido o direito de a criança indígena ser alfabetizada dentro de sua própria tradição linguística. Monitores bilíngues e os próprios índios passaram então a trabalhar em prol de uma nova visão da educação indígena.

Os povos indígenas brasileiros, após a implantação das Escolas da Floresta¹, no início da década de 1980 e, enquanto fruto da elaboração de seu material didático, experimenta a construção dos primeiros livros sob sua autoria, inicialmente uma autoria coletiva. Os livros são entendidos como arquivos de suas memórias, em que as diferentes etnias, por meio da prática da escrita em língua nativa e portuguesa, ganham visibilidade. A literatura indígena busca coletar, traduzir e publicar a memória ancestral (cultural e individual), mostrando os povos nativos à sociedade não-indígena num processo de respeito às diferenças. A sabedoria e os conhecimentos ancestrais arquivados promovem a construção da “identidade indígena” contemporânea e a desconstrução do estigma e dos preconceitos que vigoram em torno da figura do índio brasileiro (SANTOS, 2013).

Mediante esta proposta para a educação indígena, a necessidade de material didático direcionado virou uma realidade, criando, desta forma, a necessidade de se escrever o que até então só era contado oralmente, o que levou ao surgimento dos primeiros livros indígenas, feitos por índios para índios.

De acordo com Souza (2003), a partir da década de 90, as escolas indígenas diferenciadas começaram a existir efetivamente em nosso país. Com a criação dessas escolas, algumas personagens, antes inexistentes, iniciaram sua atuação no cenário educacional brasileiro.

O ensino das crianças indígenas, baseado em suas próprias leis, costumes e cultura, gerou um movimento em prol da criação de livros que atendessem ao principal objetivo desta nova visão da educação: livros escritos pelos próprios nativos e que abordassem fatos de sua realidade, bem como marcos importantes de seu passado. Esse material oriundo das representações indígenas vem de forma tímida ocupando as prateleiras das livrarias e conquistando, aos poucos, um público sensível, que encara a literatura indígena como especial, despindo-se de qualquer preconceito para apreciá-la e entender a importância cultural e social da mesma. O leitor desse material é brindado com histórias seculares, recheadas de lirismo e beleza (DUARTE, 2015, p. 84).

A elaboração de cartilhas bilíngues para a alfabetização de crianças indígenas, deu início a produção de material literário indígena, voltado para a literatura infantil ou adulta.

Professores indígenas passaram a se formar e a lecionar nessas escolas para um público discente composto em sua grande maioria (quando não em sua totalidade) por indígenas. Dessa maneira, um material didático também diferenciado se fez necessário. Foram esses professores que assumiram primordialmente a confecção de seus próprios materiais didáticos, fazendo com que suas histórias, cantos, mitos e poesias passassem do âmbito da oralidade para o âmbito da escrita. Eles têm construído, a partir de suas práticas de trabalho educacional, a literatura das suas comunidades: são os chamados “livros da floresta” (ALMEIDA e QUEIROZ, 2004).

Conforme Duarte (2015, p. 78). “Nomes de indígenas importantes, como os de Daniel Munduruku e Eliane Potiguara, dentre outros, têm levado a história de seus povos pelo Brasil e exterior, numa tentativa de resgate das suas tradições”. Então, somente na década de 1980 que começamos a ver as primeiras produções de autoria nativa no Brasil.

Relatos de assassinatos e extermínios de grupos indígenas, expulsão de seus territórios e da prática generalizada de violências contra os indígenas são comuns no cenário brasileiro, sendo postos em evidência, principalmente, na década de 70. Nessa época, eclodem movimentos sociais que tratam da questão indígena no Brasil. Fruto da conquista desses movimentos, a promulgação da Constituição Federal, em 1988, implicou no reconhecimento e na garantia de direitos aos indígenas brasileiros (SANTOS, 2013, p. 5).

Os autores indígenas veem em suas obras a oportunidade de colocar o índio como tema central, de mostrar ao mundo o índio como realmente é, buscando pela definição de identidade, e não como observado pelo “outro”, o colonizador. Este é um dos aspectos centrais das obras de autoria indígena, e um ponto de inovação, já

que o mundo literário sempre conheceu o índio através do olhar de seu opressor (OWENS, 1992).

A literatura de autoria indígena vem marcando presença de forma eficiente na reconquista de um espaço outrora perdido, servindo como porta-voz desse grupo excluído, exterminado, minoritário. Cercado por beleza e ludismo, o discurso literário produzido pelo nativo brasileiro tem caráter emocional, filosófico e, acima de tudo, político (DUARTE, 2015, p. 77).

A literatura dos povos indígenas começa a aparecer por volta da década de 1980, agregada às grandes transformações no Brasil, período em que os grandes movimentos sociais ganham força diante do fim da ditadura militar. É nesse período que os escritores indígenas se lançam no mercado literário.

O fato é que a existência de línguas indígenas no Brasil foi oficializada, bem como seu uso no processo educacional. Através das leis, o Estado veio confirmar os direitos das comunidades indígenas a uma educação diferenciada e garantir legalmente a divulgação de sua cultura nas escolas tradicionais. Como consequência de todo esse aparato legal, principalmente da Constituição de 1988 (GESSE, 2013).

Desde a Constituição de 1988, o governo brasileiro demonstra uma preocupação maior em garantir, através das leis, os direitos das comunidades indígenas de preservarem suas culturas, costumes e tradições, utilizando a educação como principal instrumento.

Houve uma abertura de mercado para a literatura de origem indígena a partir dos anos 1990. Indígenas perceberam quando esta demanda começou e passaram a propor textos para as editoras comerciais. Antes disso – e até os dias de hoje – muitos livros são publicados por instituições de apoio à causa indígena. Houve uma abertura de mercado para a literatura de origem indígena a partir dos anos 1990. Indígenas perceberam quando esta demanda começou e passaram a propor textos para as editoras comerciais. Antes disso – e até os dias de hoje – muitos livros são publicados por instituições de apoio à causa indígena (ROSA, 2017).

Explana Gesse (2013) que a garantia de direitos por lei foi o primeiro passo para que os índios brasileiros pudessem desenvolver um processo de ensino-aprendizagem diferenciado e, consequentemente, pudessem criar e/ ou aprimorar suas práticas de escrita e produção literária.

Ainda estamos distantes de uma educação escolar indígena ideal. De qualquer forma, essas garantias legais já representam um avanço imenso na maneira como nosso país passa a olhar o diferente, um país que passou 500 anos desvalorizando e, de certa forma, ignorando o índio e suas expressões culturais (GESSE, 2013).

As primeiras publicações de autoria indígena eram mais frequentemente subsidiadas por órgãos oficiais ou por organizações não governamentais, quando se trata de autoria coletiva, e outras eram publicadas por editoras privadas, geralmente quando se tratava de autoria individual. Os objetivos seriam atender à demanda escolar indígena, auxiliando os professores no ensino da escrita e leitura nas escolas das aldeias, e informar os brasileiros sobre a existência desses povos, constituindo-se, dessa forma, como um movimento político-literário (GESSE, 2013).

A referida escrita nativa brasileira pode também ser encontrada por conta dos próprios autores, que buscam alcançar a comunidade através de eventos literários. Também utilizam *websites* e *blogs*, quais representam um ponto importante sobre a literatura dos povos indígenas, pois são publicações feitas por eles próprios.

A escritora indígena Vangri Kaingáng (*apud* ROSA, 2017) comenta que literatura indígena é uma forma de perpetuar o conhecimento oral, pois quando um indígena escreve sobre seu próprio povo, fala com propriedade daquilo que conhece. Ele está traduzindo para escrita experiências que aprendeu pela vivência cultural que se origina de sua família e de suas raízes. Então quando escreve, o indígena fala da origem de sua essência, do que aprendeu e ao qual deve respeito.

A escrita indígena parte da reflexão quanto ao processo transcultural, seja de cunho antropológico ou narrativo, tanto as questões problemáticas como uma possível crise existencial, quando aos aspectos de afirmação e construção de identidade indígenas híbridas ou transculturação, apontado também para a importância dos artistas indígenas, tanto escritores como ilustradores, mostrando a propriedade intelectual.

As produções indígenas são escritas tanto em suas línguas de origem quanto em língua portuguesa. Há livros que utilizam apenas a língua indígena e outros, apenas o português. Há também outros que apresentam as narrativas na língua indígena e traduzidas para o português, e, aqueles que apresentam duas versões das histórias, uma na língua indígena e outra em língua portuguesa, todas possibilitando expressão imaginativa, comunicativa e também instrumento político para a divulgação e valorização de da cultura, de seus costumes e seus direitos (GESSE, 2011).

Cita-se o grande apelo visual com uma característica marcante dos livros de escrita indígena. A literatura indígena na maioria das vezes segue acompanhada por

ilustrações, porque, principalmente, o mercado exige que os livros, por exemplo, infanto-juvenil, sejam ilustrados (ROSA, 2017).

A grande maioria deles é altamente ilustrada com desenhos em cores vivas feitos pelos próprios autores individual e/ou coletivamente, levando alguns a considerá-los até como um fenômeno novo da arte indígena. Nas obras Indígenas apresenta-se a leitura da palavra que interage com a leitura das ilustrações, por exemplo, de modo a levar a percepção “do índio real, buscando fomentar o respeito entre as raças, confrontando as diferenças e o olhar do “outro” sobre o índio” (ALMEIDA, 2008, p. 39).

Ressalta Gesse (2013) que a supremacia da produção intelectual indígena está na Região Norte do Brasil, o que significa, em termos estatísticos, um deslocamento do centro. Conforme Daniel Munduruku, autor da região norte do país, citado por Almeida (2008 p.19), apesar de não haver autores suficientes para suprir a demanda atual por textos de autoria indígena, mostrando como o interesse passou de escasso à extremo nos últimos anos, a literatura indígena produzida tem expressado a verdadeira cultura dos povos nativos do Brasil, a luta por espaço e reconhecimento.

2.3 A LITERATURA DE AUTORIA INDIGENA

Segundo Santos (2013) a pós-modernidade é marcada por mudanças significativas no contexto social, político, econômico e cultural. Essas alterações assinalam o desenvolvimento de novas identidades que surgem do pertencimento (ou do desejo de pertencimento), como exemplo a étnica. As classes ditas minoritárias, como os índios, tem ganhado voz nesse novo cenário.

A autoria nativa visa a contrapor-se às identidades indígenas cunhadas no Brasil a partir do séc. XVI pelos “brancos europeus”, vigentes até hoje na sociedade brasileira, em que se concebem o índio a partir do exótico, do ingênuo, do selvagem, do atrasado cultural, da animália. Contra o nativo surge uma essencialização negativa que limita seu espaço de existência a uma condição de inferioridade (SANTOS, 2013).

Algumas coleções de autoria indígena têm obtido publicação como a “Memória Ancestrais”, formada por 12 livros, pela editora Fundamentação Petrópolis. A editora Palavra de Índio surge com o objetivo de propagar a cultura indígena

trabalhando exclusivamente com autores de origem nativa, tendo a coordenação do próprio Daniel Munduruku, autor em estudo neste TCC.

Apresenta-se uma pequena lista de autores indígenas e suas etnias para se ter uma noção do panorama da literatura indígena na atualidade: **DESANA:** Feliciano Pimentel Lana, Jaime Diakara, Tõrãmu Kehíri *ou* Tolamãn Kenhirí (Luiz Gomes Lana) e Umusi Pãrõkumu *ou* Umúsin Panlõn Kumu (Firmiano Arantes Lana). **GUARANI:** Adão Karaí Tataendy Antunes, Emerson Guarani, Kaká Werá Jecupé, Kerexu Mirim, Lídia Krexu Rete Veríssimo, Luiz Karai, Maria Kerexu, Olívio Jekupé, Papa Miri Poty, Tupã Mirim, Verá Kanguá e Werá Jeguaka Mirim. **KAMBEBA:** Márcia Kambeba. **KAINGANG;** Vângri Kaingang. **KARIRI XOCÓ:** Denízia Cruz. **KRENAK:** Ailton Krenak, Edson, Krenak e Shirley Djukurnã Krenak. **MACUXI:** Ely Macuxi e Jaider Esbell Julie Dorrico. **MARAGUÁ:** Elias Yaguakãg, Lia Minapoty, Roni Wasiry Guara, Yaguarê Yamã. **MAXAKALI:** Toninho Maxakali. **MUNDURUKU:** Daniel Munduruku, Marcelo Manhuari Munduruku e Ytanajé Coelho Cardoso. **NAMBIKWARA:** René Kithãulu. **PATAXÓ.** Angthichay Pataxó e Kanátýo Pataxó. **PAYAYA:** Juvenal Teodoro Payaya. **POTIGUARA:** Eliane Potigura, Graça Graúna e Sulamy Katy. **PURI:** Aline Rochedo Pachamama. **TABAJARA:** Auritha Tabajara. **TARIANO:** Ismael Tariano. **TERENA** Marcos Terena, Niara Terena. **TREMEMBÉ:** Telma Pacheco Tamba Tremembé. **TUKANO:** Álvaro Tukano. **SATERÉ-MAWÉ:** Tiago Hakiy. **WAPICHANA:** Cristino Wapichana, Kamuu Dan Wapichana. **UMUTINA:** Ariabo Kezo (<https://pt.wikibooks.org>, 2019).

Segundo Rosa (2017) a má notícia é que ainda são muito poucos os que querem se dedicar profissionalmente à essa escrita. Então, embora pareça grande o número de autores indígenas ainda é pequeno o número de obras no mercado, pois o mercado editorial é constituído por modelos e, no geral, as editoras querem vender livros. “São aquelas obras que tem um grande campo de comercialização. Os grupos editoriais ainda mistificam a literatura indígena” (SOUZA, 2009, p. 23).

Conforme informações de Gonçalves (2013) existem dois grupos de escritores indígenas no Brasil: os que estão criando uma literatura de ficção baseada na sua experiência de aldeia e os que são memorialistas no sentido de que estão escrevendo coisas a partir da memória tradicional de sua gente” Entre estes novos autores encontramos Luiz Karai, Olívio Jekupe, Eliane Potiguar, Graça Graúna, entre outros, Daniel Munduruku, tema deste estudo.

Luiz Karai nasceu no Paraná. Tradutor do guarani para português e vice-versa, também secretário da Associação Nhe'e Porá na Aldeia Krukutu, no estado de São Paulo, onde mora com sua família.



Ilustração 1: foto de Luiz Karai. Fonte: <https://www.google.com/.2019>.

Destaca-se *Massacre Guarani*, obra escrita em guarani e em português que conta a história de uma aldeia que é atacada por homens não-índio. Mostra o relacionamento do pajé com as demais pessoas da tribo e a importância de sua sabedoria. O enredo trata de um pajé que resolveu, depois de um sonho, mudar a aldeia e lugar. Mas alguns não o seguiram e foram massacrados por não índios.

Olívio Jekupe é um escritor indígena do povo Guarani, nascido no Esta do Paraná mas mora atualmente na aldeia Krukutu, em São Paulo. Jekupé, em guarani, significa “mestiço”. Estudou Filosofia Universidade estadual de São Paulo, USP, e embora não tenha concluído o curso, sentiu se estimulado a escrever e a participar de palestras no Brasil e no exterior. Jekupé maneja muito bem a oralidade e a escrita, a tradição e a imaginação, as coisas da sua própria aldeia e as da aldeia global.

Em entrevista para site especializado, em 2015, o autor informou que começou a escrever em 1984, bem na época da ditadura, quando aconteciam muitas coisas contra os povos indígenas, invasões, mortes, estupros e na da mudava esta situação, então por isso começou a escrever poesias defendendo o povo indígena.

Comentou que antes já tinha lido muitos livros sobre índio, mas eram trabalhos de antropólogos e historiadores. Acreditava que os indígenas tinham capacidade para

escrever também. O autor, na ocasião também colocou que os professores precisam ser os primeiros a lerem os livros indígenas, porque no país, a questão indígena é muito pouco conhecida.



Ilustração 2: foto de Olívio Jekupe. Fonte: <https://www.google.com/>.2019.

Jekupe ressalta que seus livros, assim como os livros de outros autores, podem ajudar os professores com conhecimento, pois o mundo indígena precisa ser conhecido, conforme preconiza a lei 11.645 (<https://terrasindigenas.org.br/> 2015).

O nativo brasileiro, após anos seguidos de humilhação e barbaridades, vem, aos poucos, sendo reconhecido como produtor de uma cultura única, bela e genuinamente brasileira. Tendo como ponto de partida a Constituição de 1988, que garantiu direitos mínimos de cidadania aos povos indígenas, um processo de resgate cultural pôde ser iniciado, abrindo caminho para a produção de um material direcionado de autolegitimação (DUARTE, 2015, p.1).

Segundo Rosa (2014) quanto à pesquisas no universo até então desconhecido da literatura de autoria indígena, o autor Olívio Jekupé é um dos primeiros escritores que aparecem nas páginas virtuais dos sites ao lado de palavras como resistência e visibilidade política dos povos ancestrais, representando uma escrita de representação indígena que consegue dialogar com o ocidental e a sacralidade da palavra presente nos povos nativos.

Destaca-se aqui o livro “Tekoa, conectando uma aldeia indígena”, pela Editora Global, que narra a história de um menino da cidade que escolhe passar as férias na aldeia e tem experiências enriquecedoras.

Mas, Olivio Jekupe tem outros livros publicados por diferentes editoras brasileiras, e também traduzidos na Itália. São eles: Arandu ymanguaré, Editora Evoluir, Xerekó arando: a morte de Kretã, Editora Peirópolis, Iarandu; o cão falante, Ed. Petrópolis, Ajuda do Saci, Editora DCL, Indiografie, Ed. Costa & Nolan, de Milão na Itália, Literatura escrita pelos povos indígenas, Ed. Scortecci, A mulher que virou urutau, Ed. Panda books, As queixada e outros contos guarani, FTD, antologia com autores guarani e Tupã Mirim o pequeno guerreiro, Ed. Leya.

Vangri Kaingáng tem algumas publicações como a Antologia Indígena, uma obra sobre poesias, juntamente com Ailton Krenak, Manoel Moura Tukano, Eliane Potiguara e Edson Kaiapó.



Ilustração 3: Foto de Vangri Kaingáng. Fonte: <http://astrolabio.org.br>. 2017.

Vangri Kaingáng já publicou, pela a Editora Biruta, o livro Estrela Kaingáng e outros sobre as lendas do povo Kaingáng chamado Joty, pela Editora Global, que recebeu menção honrosa na Primeira Bienal Internacional dos Povos Indígenas, como uma das mais belas obras de literatura, em 2011 no México.

Ela fez o documentário na obra EG RÁ Nossas Marcas, que fala sobre os dez anos de atuação do Ponto de Cultura Indígena e Instituto Kaingáng, nos trabalhos desenvolvidos junto às comunidades indígenas Kaingáng do Rio Grande do Sul.

Graça Graúna, descendente de potiguaras, é nascida em São José do Campestre, é formada em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco, tem mestrado sobre mitos indígenas na literatura infantil e o doutorado sobre literatura indígena contemporânea no Brasil. coordenou o Projeto de Especialização para Formação de Professores Indígenas no Estado de Pernambuco, no campus da Universidade de Pernambuco em Garanhuns.



Ilustração 4: foto de Graça Grauna. Fonte: <https://www.google.com/>.2019.

Obras de Graça Graúna: - Canto Mestizo, poesia (1999), Tessituras da Terra, poesia (2001), Tear da Palavra, poesia (2007), Criaturas de Ñanderu (2010), Flor da mata, Haikais (2014), Impressões de leitura do texto literário (Org.), artigos (2016), O coelho e a raposa (2014), tradução de mitos indígenas do México, O sapo e o deus da chuva (2014), tradução de mitos indígenas do México e Baak, o pequeno deus (2014), também tradução de mitos indígenas do México.

Segundo Graúna (2014, p. 55 apud SANTOS, 2014), a literatura indígena faz parte de um mundo que, infelizmente, muitos desconhecem. “Embora seja também espaço para denunciar a galopante violência contra os povos de diferentes etnias, a literatura indígena é de paz. Porque a palavra indígena sempre existiu, uma de suas especificidades tem tudo a ver com a resistência”.

Graça Graúna estuda um conjunto de obras de autores da literatura indígena contemporânea de língua portuguesa, com base nos estudos culturais, propondo uma leitura das diferenças. Em sua tese de doutorado, intitulada “Contrapontos a Literatura indígena contemporânea” defendida em 2003, pela Universidade Federal do Pernambuco (UFPE).

Graúna analisa as seguintes obras: a poesia indígena em *Metade cara, metade máscara*, de Eliane Potiguar, a contação de histórias em *Puratig de Yaguare Yamã*, *O saci verdadeiro* de Olívio Jurupê, *Irakisu*, o menino criador de Renê Kithãulu e *Meu vô Apolinário: um mergulho no rio da memória*, de Daniel Munduruku.

Sua abordagem não apenas confronta a atual produção literária indígena no Brasil com a produção não indígena, mas também busca discutir a relação daquela com conceitos como os de identidade, auto-história, deslocamento, alteridade e outros, numa perspectiva que se assenta na transversalidade (SILVA, 2015).

Pôr em relevo os acontecimentos que a mídia, em geral, não conta é uma das características da literatura indígena contemporânea. Em algumas das obras é frequente uma incursão na história do movimento indígena no Brasil e em outros países e reflexões também relacionadas ao papel da Campanha da Fraternidade da CNBB, a exemplo da Semana dos Povos Indígenas de 2002 inspirada no mito guarani – “em busca da terra sem males”. Gerando a sua própria teoria, a literatura escrita dos povos indígenas no Brasil pede que se leiam as várias faces de sua transversalidade, a começar pela estreita relação que mantém com a literatura de tradição oral, com a história de outras nações excluídas (as nações africanas, por exemplo), com a mescla cultural e outros aspectos fronteiriços que se manifestam na literatura estrangeira e, acentuadamente, no cenário da literatura Nacional (GRAÚNA, 2003).

Segundo Silva (2015, p.15) Graça Graúna define a literatura indígena contemporânea a seguinte forma: “um lugar utópico (de sobrevivência), uma variante do épico tecido pela oralidade; um lugar de confluência de vozes silenciadas e exiladas (escritas), ao longo dos mais de 500 anos de colonização”. Enraizada nas origens, a literatura indígena contemporânea vem se preservando na auto-história de seus autores e autoras e na recepção de um público-leitor diferenciado, isto é, uma minoria que semeia outras leituras possíveis no universo de poemas e prosas autóctones.

A escritora indígena **Eliane Potiguar**, nasceu no Rio de Janeiro. Ressalta-se que Eliane Potiguar foi uma das 52 brasileiras indicadas para o projeto internacional “Mil Mulheres para o prêmio Nobel da Paz. Ela é formada em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.



Ilustração 5: foto de Eliane Potiguara. Fonte: <https://www.google.com/>.2019.

Ela é professora, escritora, empreendedora, ativista e Fundadora Rede Grumin de Mulheres Indígenas. Este projeto foi criado em 1987, promovendo o acesso de nativos e suas organizações a informações preciosas para eles, influenciando-os na formação de opiniões, além de desenvolver consciências críticas, mobilizando indivíduos e organizações ao “empoderamento”, buscando o exercício dos direitos humanos para o desenvolvimento sócio-político-econômico do presente e do futuro de suas tradições e cultura (DUARTE, 2015, p. 91).

Citando-se suas obras: A Terra é Mãe do Índio (1989), Akajutibiro: Terra do Índio Potiguara (2004), Metade Cara, Metade Máscara (2004), O Coco que Guardava a Noite (2004), O Pássaro Encantado (2014), A Cura da Terra (2015). Destaca-se aqui a obra Metade Cara, Metade Máscara (2004), que segundo Pinto e Lima (2017) é uma escrita vinculada às suas próprias memórias, mas também a uma memória coletiva, pontuando eventos de massacres praticados contra indígenas, como testemunho que atualizar memórias, garantindo a percepção leitor, quanta a dimensão das cicatrizes causadas pela violência.

3 METODOLOGIA

Para Gil (1987, p. 19) uma pesquisa é o “procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. Então, para desenvolver esta monografia foi utilizada uma pesquisa bibliográfica, pois através dela encontra-se apoio teórico consultados em autores tais como: Barros, (2001), Duarte, (2015.), Gonçalves (2013), entre outros, oferecendo uma visão holística dos costumes e tradições do povo indígena.

Ressalta-se que, segundo Almeida (2008) a pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referência teóricas já analisadas e publicadas por meios página de web sites, livros, artigos científicos.

A pesquisa é de natureza básica e quanto ao objetivo é exploratória. Partindo das explicações de Goldenberg (1997) e Lauriers (1991), utilizou-se como metodologia a abordagem qualitativa, para analisar, compreender e interpretar o objeto de estudo. e analisar a perspectiva dos envolvidos na pesquisa. A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais.

Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Objeto de análise trata-se da escrita literária de Daniel Munduruku, têm recebido atenção da mídia e do meio literário por seu caráter didático e informativo, figurando como rica fonte de histórias que apontam para a cultura indígena.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 DANIEL MUNDURUKU: ASPECTOS BIOGRAFICOS

Daniel Munduruku foi registrado com o nome de Daniel Monteiro da Costa, sétimo filho de indígena Munduruku, nasceu em Belém, capital do Estado do Pará, no dia 28 de fevereiro de 1964.

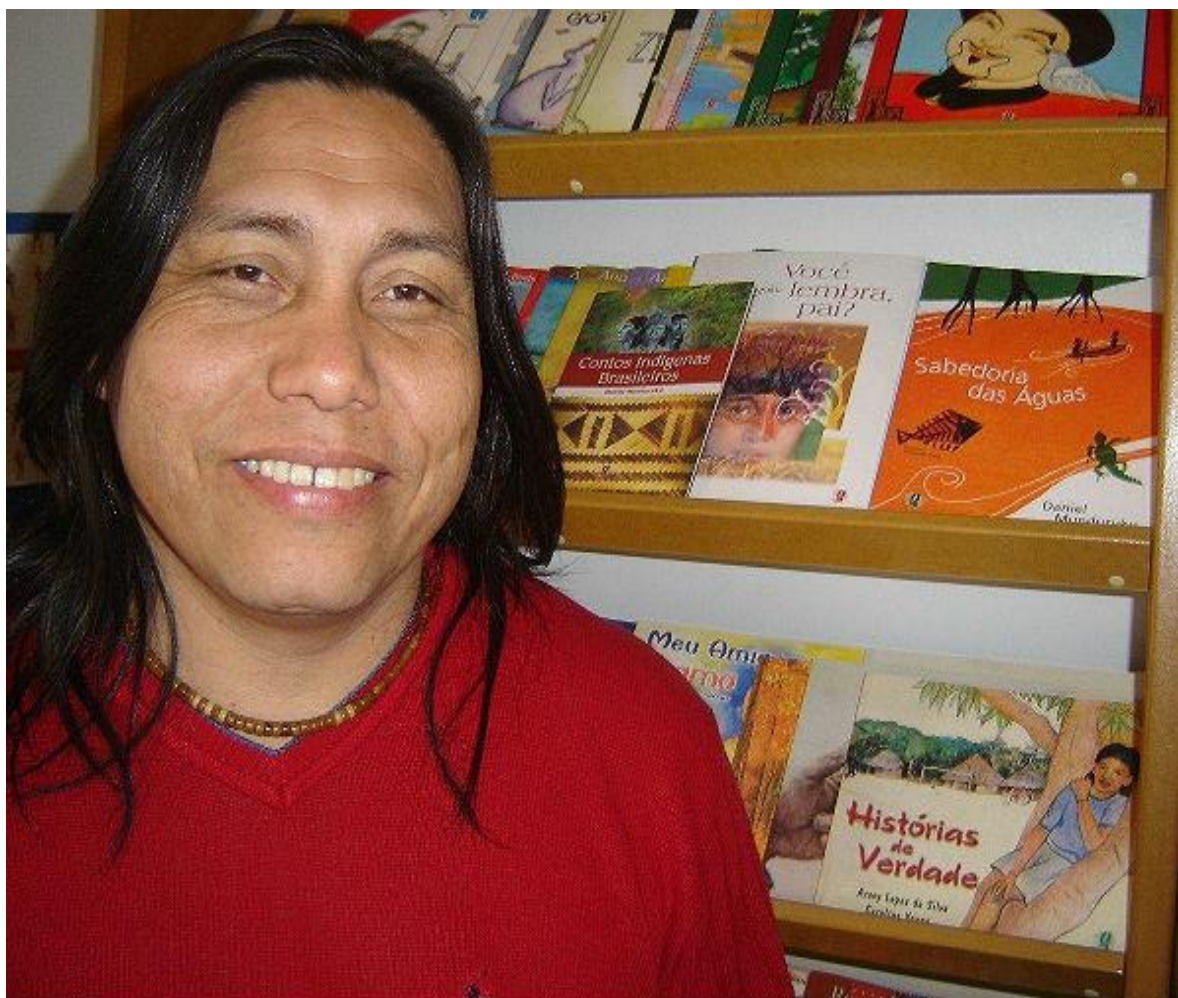


Ilustração 6 :foto de Daniel Munduruku. Fonte: <https://globoeditora.com.br>.2018.

Daniel é o sétimo filho de uma família indígena Munduruku, como outros nomes alternativos que são: Weidyenye, Paiquize, Pari e Caras-Pretas. Trata-se de um povo indígena amazônico que vive na região do Vale dos Tapajós, Santarém, Itaituba e Jacareacanga, no Estado do Pará, também se encontrando no Estado do Amazonas e Mato Grosso. Observa-se sua localização no mapa com os demais povos indígenas no Brasil:



Ilustração 7: Mapa da localização indígena no Brasil fonte: Funasa, 2002.

Viveu sua infância entre a cidade e a aldeia de Maracanã, no entremeio das culturas indígena e não-indígena. É casado com Tânia Mara e pai de três filhos, Gabriel, Lucas e Beatriz.

Daniel Munduruku frequentou a Escola Salesiana do Trabalho, onde foi alfabetizado. Finalizando o Ensino Fundamental, dedicou-se à Ordem Salesiana, inclusive, pensando em ser padre. Passou seis anos no seminário, onde se formou em Filosofia, com especialização em História e Psicologia.

Informa Duarte (2015, p. 09) que em 1987, mudou-se para Lorena, interior do Estado de São Paulo. Dando continuidade aos estudos, graduou-se, no ano de 1989, em Filosofia pela Universidade Salesiana de Lorena. Kursou mestrado em Antropologia Social (1992-1996) e doutorado em Educação, pela Universidade de São Paulo (USP).

Presidiu o Instituto Indígena para Propriedade Intelectual (INBRAPI), foi Diretor-Presidente do Instituto UKA - Casa dos Saberes Ancestrais e participa ativamente de atividades ligadas à defesa das causas e das tradições indígenas (ALMEIDA 2008, p. 32).

Em abril de 2013, Daniel Munduruku foi capa da Revista da Biblioteca Nacional. Tem um website e blog, onde publica sobre a temática indígena. Na televisão, no programa Xuxa, foi abordado em um dos quadros sobre o autor e sobre a sua temática. Atuou como ator em quatro filme, inclusive no filme Tainá 2.

4.2 A ESCRITA LITERARIA DE DANIEL MUNDURUKU

Daniel Munduruku afirma que nunca escolheu ser escritor, contudo, o fato de ter algo a dizer sobre seu povo o motivava a fazer com que sua própria história e a de seus ancestrais fosse registrada e disseminada. “A escrita foi tomando conta de mim e, aos poucos, fui me aceitando” (MUNDURUKU apud ALMEIDA, 2008, p.15). Portanto, esse escritor esteve em vários países da Europa, participando de conferência e ministrando oficinas culturais para crianças, com o intuito de dialogar sobre a cultura indígena.

As obras de Daniel Munduruku tem sido fonte de informação social que por vezes é utilizada em monografias e teses da área de Sociologia, Antropologia, e até Biologia e Direito, como, por exemplo, a tese de dissertação de mestrado de Lucia Belfort, da universidade de Brasília, em 2006, que trata da proteção dos conhecimentos tradicionais dos povos indígenas. Também é possível se encontra muitos artigos de sua autoria, a respeito do papel da literatura bem como, da proteção dos conhecimentos tradicionais dos povos indígenas (ALMEIDA, 2008, p.17).

É professor, licenciado em História e Psicologia, e partir da experiência com crianças e adolescentes torna-se escritor de renome. Ainda, pelo caráter didático da escrita e atuação do autor no meio educacional, sua escrita também faz parte de interesse da área de Educação. Daniel Munduruku revela seu interesse em escrever para crianças falando sobre a oportunidade de poder participar da formação de pessoas com uma melhor compreensão de seu passado e, por isso, maior respeito às culturas indígenas:

Gosto de pensar nas crianças como pessoas que estão construindo seus sonhos. Adultos, não. Meu desejo é colocar um dos meus sonhos dentro dos sonhos delas e assim possam [sic] transformar o mundo em que vivem num

jardim repleto de flores diferentes. Queria que as crianças entendessem que o que torna belo o jardim é a diversidade das flores. E que as flores não brigam entre si para provar quem é a mais bela. Há espaço para todas elas manifestarem a própria beleza (MUNDURUKU, 2007).

Nesse sentido, chama-se a atenção para uma de suas narrativas que tem como personagem principal o menino Lua, cuja missão é defender a aldeia e a floresta, contando com a ajuda de um macaco, uma onça e uma capivara.

[...] histórias moram dentro da gente, lá no fundo do coração. Elas ficam quietinhas num canto. Parecem um pouco com a areia no fundo do rio: estão lá, bem tranquilas, e só deixam sua tranquilidade quando alguém as revolve. Aí elas se mostram [...]
(MUNDURUKU, 2006).

Seu primeiro livro **Histórias de Índio** foi publicado pela editora Companhia de Letrinhas, em 1996. Até 2011, Daniel publicou mais de cinquenta livros (vários volumes traduzidos para o inglês), a maioria focando a temática indígena, tais como: *Coisas de Índio* (Callis, 2000), *O Banquete dos Deuses* (Angra, 2000), *O Sinal do Pajé* (Petrópolis, 2003) e *Um Estranho Sonho de Futuro: casos de índio* (FTD, 2004).

Histórias de Índio (São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1996) é formado por três partes. A primeira apresenta o conto “O menino que não sabia sonhar”, história do menino Kaxi, escolhido para ser futuro pajé de sua aldeia. Kaxi é preparado pelo pajé Karu Bempo, aprendendo os rituais necessários para a sobrevivência da aldeia, além de ser educado como as outras crianças, pescando, caçando, fazendo artesanato, e acima de tudo, respeitando as tradições e os mais velhos. Apesar de ser especial, Kaxi passa pelos mesmos rituais que as outras crianças de sua comunidade, dentre eles, a iniciação à vida adulta.

A segunda parte do livro apresenta crônicas e depoimentos do autor, compartilhando as experiências que teve ao chegar a São Paulo, e a última parte apresenta informações sobre povos indígenas como língua, hábitos, e curiosidades, além de um glossário dos termos Munduruku usados no conto.

O menino seria o herdeiro e o guardião da cultura que atravessou os séculos, passada de geração a geração pela memória dos antepassados, que contavam as histórias da criação do mundo; por meio dele os antepassados falariam ao povo e

este obedeceria ao comando da sabedoria do guardião. (MUNDURUKU, 1996, p.12). Kaxi, o nome escolhido para o menino, significa “lua”, ou, nas palavras do texto, “Kaxi, a lua que brilha sobre os homens” (MUNDURUKU, 1996, p. 14), trazendo à superfície a conotação implícita de que Kaxi iluminará o caminho da tribo.

Daniel Munduruku coleciona diversos prêmios nacionais e internacionais, entre eles: Prêmio na categoria Reconto da Fundação Nacional do Livro Infanto-Juvenil, com *As Serpentes que Roubaram a Noite e Outros Mitos*, em 2001, Prêmio para Obras Voltadas a Preservação da Cultura Brasileira, do CNPq, em 2003, Prêmio Jabuti pelo livro *Coisas de Índios*, Versão Infantil, em 2004. Comendador da Ordem do Mérito Cultural da Presidência da República desde 2006. Grã-Cruz, em 2013. Prêmio Érico Vannucci Mendes do CNPq. Prêmio Literatura para Crianças e Jovens. Prêmio menção honrosa em Literatura da UNESCO com o livro *Meu Avô Apolinário pela Questão da Tolerância*.

Este autor é membro da Academia de Letras de Lorena e, conforme informações prestadas ainda por Almeida (2008). Daniel Munduruku é um dos grandes nomes da literatura produzida hoje no Brasil. Autor de mais de 50 livros, sendo 4 voltados para o público infantil, juvenil e para educadores. Portanto, é considerado o principal representante de um gênero ainda em formação no Brasil, ou seja, a literatura escrita pelos povos indígenas.

4.3 A CULTURA MUNDURUKANIA NAS OBRAS DE DANIEL MUNDURUKU

Na obra de Daniel Munduruku, “Contos Indígenas brasileiros”, publicado em 2004, há oito contos baseados em mitos de diversos povos como eles, Guarani, Karajá, Terena, Kaingang, Tukano Tulipang e do povo Munduruku.

Munduruku significa guerreiro e é esse o papel do autor indígena para seu povo: lutar pelo pertencimento da nação indígena à sociedade brasileira. A assinatura de autor instaura a relação com a coletividade (sua etnia). É uma forma de “nascer de si mesmo, nascer de sua obra, tornar-se homem pelo acesso à assinatura, à recriação do nome próprio” (BRANDÃO, 2006, p. 23).

A etnia mundurucu pertencente ao tronco linguístico tupi. Munduruku, o nome da etnia, deriva da formiga saúva, definição pelo povo Parintintins, seus vizinhos no Alto Tapajós e rio Madeira. A língua Munduruku pertence ao tronco linguístico Tupi e é considerada pelo grupo como o principal sinal de diferenciação em relação ao

mundo dos brancos. Nas suas aldeias todos falam o Munduruku, principalmente, os adultos e as crianças, mas jovens e adolescente já falam bastante o português.

As atividades dos Munduruku começam e terminam cedo. Às 5 horas da manhã as famílias já se preparam para ir às roças, à caça, à pesca ou à coleta. Durante o dia inteiro os adultos dedicam-se a atividades ligadas à sobrevivência, ou seja, conseguir alimento para si e para as crianças e os velhos, que permanecem na aldeia, pois não têm condições de acompanhá-los ao trabalho no campo (grifo nosso).

As mulheres, por volta das 13 horas já estão de volta à aldeia, com mandioca, cará, batata-doce, macaxeira e frutas dos mais variados tipos. Os tubérculos e frutos são a base da alimentação do dia, que será complementada por peixe e carne de caça quando os adultos homens retornam de suas atividades. Às 17 horas todos já estão na aldeia.

Os jovens e adolescentes encontram-se para um animado jogo de futebol, (é comum nas aldeia Munduruku haver um campo de futebol mantido pela comunidade para as pelepas de final da tarde). Enquanto esse grupo joga futebol, os homens e mulheres adultos preparam a alimentação a ser servida no jantar. Depois de jantar, todos se reúnem na sala de televisão para assistir à programação das 18 às 23 horas (noticiários, novelas, filmes ou jogos de futebol) com muitas atenção, pois a aldeia se organizou e comprou um motor movido a gasolina e óleo diesel para gerar energia (grifo nosso).

Nas comunidades indígenas não há muita diferença entre aprender e brincar. As crianças aprendem brincando e brincam aprendendo. Desde pequenas elas acompanham as atividades dos pais e aprendem a fazer as coisas que irão ajuda-las mais tarde a sobreviver: plantar, pescar, caçar e colher frutos. Mas não pensem que elas ficam anotando tudo. Na verdade, elas aprendem repetindo a ação dos pais (grifo nosso).

Nos intervalos das atividades com os adultos, as crianças da mesma idade reúnem-se para um gostoso bate-papo, um banho no rio ou a pesca com as pequenas varas que elas mesmas fazem. Algumas vezes aventuram-se a passear de canoa ou a subir nas árvores para brincar de imitar bichos – uma das suas brincadeiras preferidas (grifo nosso).

As meninas Índias quase sempre acompanham a mãe e as irmãs mais velhas. Também elas vão aprender observando o que as adultas fazem: plantar e

colher mandioca e macaxeira, fazer farinha, carregar água, preparar alimentos; enfim, ser uma boa de casa, pois é ela que ela tem seu domínio, se o homem tentar invadir, corre o perigo de “apanhar” da esposa (grifo nosso).

Alguns dos textos iniciam com a expressão “contam os velhos” reforçando assim, o caráter oral de sua literatura. Portanto, entre as obras de Daniel Munduruku destaca-se nesta análise do TCC, *Meu vô Apolinário: um mergulho no rio da (minha) memória*. A obra trata da recordação de sua infância vivida na aldeia familiar, fortemente influenciado pela tradição étnica, da memória ancestral que recebeu por meio da oralidade, transmitidas pelos mais velhos da aldeia. Na obra, ele evidencia a figura do avô paterno, o índio Apolinário, considerando-o como figura fundamental para sua constituição identitária indígena.

Na introdução da obra, Munduruku fala da importância de contar história. Para Munduruku (2002, p.7) a história faz parte de nossas vidas. “Acontecimentos que fizeram a gente saber sobre nós mesmos, ou fatos que fizeram a gente rir, ou chorar, ou só pensar. Temos de acreditar que somos parte deste rio e que nossa vida vai se juntar a ele quando já tivermos partido desta vida. Temos de acreditar que somos apenas um fio na grande teia da vida, mas um fio importante, sem o qual a teia desmorona (MUNDURUKU, 2002, p. 30).

Seu trabalho de construção das memórias infantis inicia-se com o relato do seu nascimento em Belém, pautando que foi ele o primeiro filho nascido em hospital. Na sequência, descreve sobre o ambiente familiar destaca a profissão do pai, como um habilidoso carpinteiro, enaltecendo o trabalho para ele e seus irmãos no auxílio do sustento da família (SOARES, 2014).

Relembra o início da sua vida escolar e a dificuldade de relacionamento com as crianças não-indígenas. Destaca a raiva que sentia em ser chamado de Aritana, de ser índio e parecer-se com índio, porque ser índio representava ser preguiçoso, selvagem, canibal e atrasado. Ele teve alguns poucos amigos no ambiente escolar, mas somente sentia de paz consigo no quintal de casa e na aldeia Maracanã.

[...] fui vítima do sistema ocidental de ensino e aprendi a manipular a memória usando a escrita e tornando-me, assim, um redator da memória oral da gente indígena, o que faz de mim um escritor. Meu amigo Ailton Krenak prefere me chamar de escrevinhador das memórias, título que muito me honra. (MUNDURUKU, 2010, p.

Os relatos de infância trazidos no texto demonstram a necessidade de se promover o respeito às diferenças, a tolerância racial e a construção da identidade indígena.

“Minha ideia é fazer com que as pessoas que lerão este livro olhem para dentro de si – e também para fora – e vejam como é possível conviver com o diferente sem perder a própria identidade.” (MUNDURUKU, 2009, p. 38).

A escrita de Daniel Munduruku, objetiva também auxiliar no rompimento de estereótipos indígenas e preconceitos, como se pode observar no trecho que segue:

“Eu nasci índio. Mas não nasci como nascem todos os índios. Não nasci numa aldeia, rodeada de mato por todo lado; com um rio onde as pessoas pescam peixe quase com a mão de tão límpida que é a água. Não nasci dentro de uma Uk”a Munduruku. Eu nasci na cidade. Acho que dentro de um hospital. E nasci numa cidade onde a maioria das pessoas se parece com índio: Belém do Pará (MUNDURUKU, 2009, p. 9).

O comentário do autor demonstra sua condição de índio urbano, desconstruindo os mitos do selvagem, da animalidade nas florestas”. Essa condição é compartilhada por um grande número de indígenas nascidos como aldeados ou urbanos. Portanto, ser índio não significa ser selvagem, nascer no meio das matas e florestas como os animais, mas sim uma condição de pertença a uma raça, tal como nascer branco, negro ou asiático. Ele coloca então em discussão o do mito da raça pura bem como, a questão de um país de população miscigenado (SOARES, 2014).

Com as memórias da Munduruku, Daniel destaca as lembranças de aventuras na mata na caça ao curupira, os banhos no igarapé, as brincadeiras nas caminhadas até o roçado com as mulheres da aldeia, a noite escura em torno da fogueira escutando as histórias contadas pelos mais velhos, de fazer xixi na rede e no irmão mais velho, por com medo de sair da oca devido as histórias de assombrações. A preguiça é um dos estereótipos do índio brasileiro, qual é quebrado na obra quando Daniel relembra do ofício do pai, o trabalho dos irmãos e o seu esforço próprios em auxiliar nas despesas da família:

[...] meu pai era um grande artesão e foi graças a essa sua habilidade que pode alimentar tantos filhos durante tanto tempo. [...] Meus irmãos tiveram que ir trabalhar na cidade para ajudar nas despesas. Eu mesmo fui vendedor de doces, paçocas, sacos de feira, amendoim, chopp (é um suco colocado em saquinhos plásticos congelados. Em São Paulo chamam de geladinho). Fazia tudo isso com alegria. [...] E por que eu não gostava de que me chamassem de índio? Por causa das ideias e imagens que essa palavra trazia. Chamar alguém de índio era classificá-lo como atrasado, selvagem e preguiçoso. E como já contei, eu era uma pessoa trabalhadora e ajudava meus pais e meus irmãos e isso era uma honra para mim. Mas uma honra que ninguém levava em consideração. Para meus colegas, só contava a minha aparência... e não o que eu era e fazia (MUNDURUKU, 2009, p. 10-11).

Os jovens e adolescentes encontram-se para um animado jogo de futebol, (é comum nas aldeia Munduruku haver um campo de futebol mantido pela comunidade para as pejeas de final da tarde). Enquanto esse grupo joga futebol, os homens e mulheres adultos preparam a alimentação a ser servida no jantar. Depois de jantar, todos se reúnem na sala de televisão para assistir à programação das 18 às 23 horas (noticiários, novelas, filmes ou jogos de futebol) com muita atenção, pois a aldeia se organizou e comprou um motor movido a gasolina e óleo diesel para gerar energia (grifo nosso).

O autor apresenta, no ambiente da aldeia, destaca as diversas atividades desenvolvidas pelo grupo familiar e a divisão de trabalhos entre homens, mulheres, velhos e crianças. Retira da imaginação dos leitores a ideia de um índio que permanece deitado na rede por horas, sem fazer nada, esperando da “graça” de Nhanderu (do Deus indígena) e da natureza o sustento de cada dia. Daniel relembra a pesca de caranguejos.

Quando eu cresci um pouco mais e já tinha oito anos, meu tio me levou para tirar caranguejo no mangal (ou manguezal). (...) Os tiradores de caranguejo tem de esticar o braço atrás dele. Quando tem sorte, conseguem trazer o bicho na mão. Algumas vezes ele vem pendurado no dedo, pois para se defender pinça o agressor com as patas. A mordida é bem dolorosa. Essa “pesca” do caranguejo durava o dia inteirinho e só retornávamos para a aldeia quando já estava escurecendo e todos nos esperavam para fazer um gostoso jantar com os bichos que a gente trazia (MUNDURUKU, 2009, p. 19).

Destaca, ainda, as atividades do povo Munduruku que para sua subsistência promovem o plantio e o cuidado com o roçado, à caça de animais, a pesca, a extração e coleta de frutas e medicinas, conforme destacados nos trechos seguintes:

Quando era dia de ir à roça, saíamos cedo e caminhávamos mais de três horas até chegar ao local. Nós, os meninos, íamos na frente para proteger o grupo. Bem, na verdade, íamos mais é brincando mesmo, coisa que toda criança gosta de fazer. Na roça eu gostava de ficar perseguindo as formigas. Elas são interessantes porque trabalham o tempo todo. (...) Só deixava de observar as formigas quando minha mãe me chamava para algum serviço (MUNDURUKU, 2009, p. 15).

As atividades dos Munduruku começam e terminam cedo. Às 5 horas da manhã as famílias já se preparam para ir às roças, à caça, à pesca ou à coleta. Durante o dia inteiro os adultos dedicam-se a atividades ligadas à sobrevivência, ou seja, conseguir alimento para si e para as crianças e os velhos, que permanecem na aldeia, pois não têm condições de acompanhá-los ao trabalho no campo (grifo nosso).

Eu e meus companheiros estávamos brincando juntos em um lugar de onde dava para ver as mulheres trabalhando no roçado. (MUNDURUKU, 2009, p. 15). [...] Nós temos o costume de tomar banhos comunitários nos igarapés. As mulheres vão primeiro e fazem o serviço da casa, como lavar os utensílios domésticos e as roupas sujas. Passam horas dentro d'água junto com as crianças de colo e aquelas com menos de cinco anos. (MUNDURUKU, 2009, p. 25).

As mulheres, por volta das 13 horas já estão de volta à aldeia, com mandioca, cará, batata-doce, macaxeira e frutas dos mais variados tipos. Os tubérculos e frutos são a base da alimentação do dia, que será complementada por peixe e carne de caça quando os adultos homens retornam de suas atividades. Às 17 horas todos já estão na aldeia. Sobre o trabalho dos homens, citando seu avô:

Na época em que se passa esta história, ele já devia estar com mais de oitenta anos. Mesmo assim, fazia todas as coisas que um homem mais jovem: caçava,

pescava, ia para a roça, preparava belíssimos paneiros com talas de buriti. Estava sempre trabalhando. (MUNDURUKU, 2009, p. 26).

Portanto, Daniel Munduruku assinala a importância do trabalho e a existência do desenvolvimento diário de todas as atividades sem o auxílio de tecnologias (inclusive sem energia elétrica e abastecimento de água potável).

Outro estereótipo, implantado pelas missões financiadas por governos europeus, por volta de 1500, é a visão da figura do índio que come carne humana, ou seja, de canibalismo, associando o indígena à animalidade, à falta de espiritualidade e à violência. Para essa quebra de tabu, Daniel identifica os costumes alimentares de sua aldeia: o beiju, o mingau de mandioca, a banana com farinha de tapioca, o caranguejo, as caças, o peixe, os produtos do roçado. Índio, portanto, não come carne humana! (SOARES, 2014).

Daniel Munduruku, utiliza da escrita literária para destacar o rito de ouvir histórias, pois na obra em questão tudo é preparado: fogueira, espíritos, atmosfera direcionada aos contadores, os mais velhos, enquanto o restante da aldeia ouve, tradição transmitida oralmente que sedimenta ensinamentos, sendo assim que a educação indígena acontece.

Na obra, há o destaque para a lembrança da sabedoria de vida, de relações, de espiritualidade e de mundo do vô Apolinário que é compartilhada oralmente com a aldeia, ensinando a aceitar a diferença do indígena em relação aos colegas da escola. É o avô então quem o ensina a ser índio, segundo Daniel:

Foi meu avô quem me ajudou a superar estas dificuldades. Ele me mostrou a beleza de ser o que eu era. Foi ele quem me disse um dia que eu deveria mostrar para as pessoas da cidade esta beleza e a riqueza que os povos indígenas representam para a sociedade brasileira. Naquela época eu achei que meu velho avô estava tentando apenas me animar com palavras de incentivo. No entanto, hoje percebo que ele estava expressando um desejo de ver o nosso povo ser mais compreendido e respeitado. Parecia que ele sabia o que iria acontecer no futuro, pois quando deixei minha aldeia fiquei com o compromisso de levar esta riqueza junto comigo, mesmo sem saber se minha vida na cidade seria positiva ou não. (MUNDURUKU, 2009, p. 6-7)

A rememoração do seu velho avô, o índio Apolinário traz lembranças da cumplicidade entre o avo e o neto, seus ensinamentos para a construção de sua identidade indígena, a primeira paixão e da primeira decepção amorosa vivenciadas por Derpo, o narrador, que conta que ao apaixonar-se por uma menina branca, e ter coragem em contar-lhe sobre sua paixão, ele se depara com o preconceito e a vergonha. A menina o recusa por ser índio, por ser feio e, para piorar, conta o ocorrido a todos da turma. A situação causa grande constrangimento e tristeza (SOARES, 2014).

Era uma sexta-feira e a família estava para viajar até a aldeia dos Mundurukus. Quando na aldeia, todos os familiares notam as mudanças no comportamento do pequeno indígena: calado, triste, irritadiço... Observando seu neto, o índio Apolinário o convida, pela primeira vez, para conversarem e tomarem banho a sós no igarapé. Quando chegam ao local do banho, Daniel relembra que é convidado a sentar-se numa pedra ao lado da queda d'água e escutar o rio. Passam-se horas e Daniel permanece em silêncio observando o rio, sem nada escutar. Depois de muito tempo, seu avô o convida a juntar-se no banho. Após o mergulho, Daniel procura seu vô Apolinário para conversar. Nesse momento, recebe a primeira de muitas lições de sabedoria provenientes desse velho índio. "Fiquei apaixonado pelo vô Apolinário". (MUNDURUKU, 2009, p. 32).

O ponto central desta obra memorialista reside no velho índio, de oitenta anos, misterioso e de grande sabedoria, que fazia todas as atividades de um homem jovem: caçava, pescava, trabalhava na roça e fazia paneiros com talas de buriti, quem, instaura o início de um processo de aceitação da condição indígena do neto, com fica claro a sabedoria do rio por ele passada (SOARES, 2014):

[...] Meu avô Apolinário – que ainda não apareceu nesta história, porque até aqui não havia marcado presença em minha memória infantil – surgiu ao meu lado como num passe de mágica. Passou a mão suavemente sobre minha cabeça e disse:– Hoje vamos tomar banho só nós dois. Em seguida, começou a andar em direção ao igarapé e eu senti que devia acompanhá-lo. [...] Quando chegamos ao igarapé onde a gente sempre tomava banho eu parei. Apolinário apenas balançou a cabeça negativamente e apontou um lugar mais adiante. Fui atrás dele. Eu nunca tinha tido

coragem de subir o rio, mas não fiquei surpreso com o convite de meu avô. Ele me levou para um lugar bellissimo, com uma queda d'água mais ou menos alta. [...] – Está vendo aquela pedra lá na cachoeira? Respondi que sim. – Então sente nela e fique lá. Não saia enquanto eu não mandar. Você só tem que observar e escutar o que o rio quer dizer pra você. [...] Eu olhava fixamente para as águas pensando no que eu deveria ouvir. Não ouvi nada, é claro. Não daquela vez. Quando a tarde já estava caindo, meu avô me chamou. – Agora já pode tomar banho [...]– Você chegou à aldeia muito nervoso estes dias, não foi? Veio assim da cidade, lugar de muito barulho e maldade. Lá as pessoas o maltrataram e você se sentiu aliviado quando soube que viria para cá, não foi? Sei que está assim porque as pessoas o julgam inferior a elas e seus pais não o ajudam muito a compreender tudo isso. Pois bem. Já é hora de saber algumas verdades sobre quem você é. Por isso eu o trouxe aqui. Você viu o rio, olhou para as águas. O que eles lhe ensinam? A paciência e a perseverança. Paciência de seguir o próprio caminho de forma constante, sem nunca apressar seu curso; perseverança para ultrapassar todos os obstáculos que surgirem no caminho. Ele sabe aonde quer chegar e sabe que vai chegar, não importa o que tenha de fazer para isso. Ele sabe que o destino dele é unir-se ao grande rio Tapajós, dono de todos os rios. Temos de ser como o rio, meu neto. Temos de ter paciência e coragem, Caminhar lentamente, mas sem parar. (...) Quando você estiver com esses pensamentos outra vez, venha para cá ouvir o rio (MUNDURUKU, 2009, p. 30-31).

O autor também evidencia os conhecimentos sobre medicamentos e ervas, sobre a floresta, sobre a construção de utensílios domésticos, sobre o trato com os animais, sobre as técnicas de pesca de caranguejo, assinalando como os pais e avôs eram grandes conhecedores das coisas da floresta.

Minhas primeiras lembranças – além de um terremoto que vivi aos quatro anos – são as de meu pai martelando, serrando e falando sobre as propriedades da madeira (acho que ele falava era do espírito das árvores, só que não me lembro bem disso) (MUNDURUKU, 2009, p. 10).

Reflete-se que os povos indígenas são cercados de grandes conhecimentos, mas a esse respeito ressalta-se que os estrangeiros se apropriaram de seus

ensinamentos e ainda folclorizaram os seus conhecimentos tradicionais. Falando em folclore, uma das passagens rememoradas por Daniel Munduruku relaciona-se com o encontro com o curupira, que faz já parte do folclore nacional, mostrando a diferença de crenças e de espiritualidade. Para sua etnia, os indígenas coexistem com a figura dos seres encantados que vivem nas florestas, e possuem uma função nesse universo, como é o caso do curupira que tem a função de guardião da floresta (SOARES, 2014).

“Nossa fantasia era alimentada e visitada por esses pequenos seres – verdadeiros – trazidos até nós pela voz cantilena de nossos avôs.” (MUNDURUKU, 2009, p.14).

O avô contava com oitenta anos e as lembranças finais do livro descrevem a morte e o enterro do vô Apolinário. Com essa recordação, o escritor busca construir o processo gradativo em que se percebeu índio e passou a orgulhar-se de sua condição.

Na verdade não sei muita coisa sobre meu avô porque o via muito pouco. No entanto, esse pouco de convivência marcou profundamente minha vida, formou minha memória, meu coração e meu corpo de índio. Acho até que falar dele me faz resgatar a história de meu povo e me dá mais entusiasmo e aceitação da condição que não pedi a Deus, mas que recebi Dele (MUNDURUKU, 2009, p. 7).

O avô contava com oitenta anos e as lembranças finais do livro descrevem a morte e o enterro do vô Apolinário. Com essa recordação, o escritor busca construir o processo gradativo em que se percebeu índio e passou a orgulhar-se de sua condição.

Na verdade não sei muita coisa sobre meu avô porque o via muito pouco. No entanto, esse pouco de convivência marcou profundamente minha vida, formou minha memória, meu coração e meu corpo de índio. Acho até que falar dele me faz resgatar a história de meu povo e me dá mais entusiasmo e aceitação da condição que não pedi a Deus, mas que recebi Dele por algum motivo (MUNDURUKU, 2009, p. 7).

De maneira geral, o autor, ao final de sua escrita, deixando claro aos leitores o resultado do trabalho paciente efetuado pelo velho índio, encerrando assim sua reflexão. Observa-se o trecho:

Fiz questão de ir vê-lo pela última vez. Meu pai pediu dispensa no trabalho e me acompanhou. Fomos ele e eu apenas. Chegando lá, o velho já estava no caixão. Tinha um rosto bem sereno e tranquilo. Peguei nas mãos dele para sentir, uma última vez, a energia do ancião que se transformaria em ancestral para meus filhos e netos. Nesse momento, minha mente recuou alguns meses antes, quando timidamente perguntei a ele o que era ser índio. A resposta veio como um relâmpago: – É ter uma história que não tem começo nem fim. É viver o presente como um presente, uma dádiva de Deus. Tocando nas mãos do meu avô falecido, recordei-me ainda de nosso último encontro, em que ele me anunciou que sua hora havia chegado. [...] Antes, ele ouviu o que eu tinha para lhe dizer, pois eu havia chegado à aldeia todo contente e fui imediatamente procurá-lo. Com todo o orgulho do mundo, anunciei a meu avô: sou índio. Ele abriu um lindo sorriso com a boca já um tanto desdentada, abraçou-me e disse:– Então a minha hora já chegou. Preciso me unir ao Grande Rio. Lembre sempre, porém, que só existem duas coisas importantes para saber na vida: 1) Nunca se preocupe com coisas pequenas; 2) Todas as coisas são pequenas (MUNDURUKU, 2009, p. 36-37).

Em suma, a obra sustenta o desejo de coletividade por meio dos ensinamentos, sabedoria e os conhecimentos dos velhos da aldeia, simbolizado na figura de seu avô Apolinário, representando muito mais que uma escrita literária memorialistas, pois transforma o contador de histórias em detentor de uma memória ancestral.

A leitura da obra dá voz aos indígenas e serve de cenário para construção de uma nova identidade para o indígena brasileiro, derrubando por terra estereótipos da preguiça, da animalidade, da canibalismo, do atraso cultural, da ignorância, da falta de espiritualidade e da necessidade de humanização, pensamentos por muito tempo cristalizados na mente do não índio.

5 CONCLUSÃO

A literatura expressa a realidade do ser humano com seus problemas, dilemas e sentimentos, levando o leitor à análise da realidade e, nesse sentido, observa-se que os textos literários de autoria indígena tratam de uma série de problemas e perspectivas que tocam na questão identitária indígena e que devem ser esclarecidos e confrontados.

A Literatura indígena refere-se ao indígena que aprendeu a língua portuguesa, que se apropriou da escrita e deu início a uma literatura étnica que, por sua vez, foi inserida no universo literário. Portanto, a literatura indígena, antes excluída e até mesmo desacreditada, passou a ter espaço, embora pequeno se relacionado a sua qualidade, nas prateleiras de livrarias pelo país e pouco a pouco, seus autores vêm conquistando leitores e prêmios até mesmo no exterior.

Nomes de indígenas importantes, como os de Daniel Munduruku e Eliane Potiguara, Graça Graúna, entre outros, têm levado a história de seus povos pelo Brasil e exterior, numa tentativa de resgate das suas tradições, bem como uma homenagem a esses que só sobreviveram por determinação e coragem.

A produção literária indígena figura como uma arte genuinamente brasileira e o reconhecimento da importância do nativo pela população brasileira e até mundial, é um início importante no que se refere à valorização do rastro cultural desses povos tão singulares.

Conhecer os aspectos formadores da Literatura indígena ajuda a compreender como essa escrita é rica com suas lendas, mitos e crenças e acredita-se que esta literatura pode ser inserida na sala de aula para instigar o gosto pela leitura dos alunos, bem como para preservação da cultura.

Portanto, esta monografia pode possibilitar a valorização cultural indígena, representando um avanço nesse sentido, inclusive, por meio do conhecimento sobre a obra de Daniel Munduruku, visto que expressa nos seus enredos a cultura típica e nativa, em específico, do povo Munduruku.

REFERENCIAS

- ALMEIDA, Sandy Anne Czoupinski de. **Histórias de índio de Daniel Munduruku; afirmando a identidade indígena pela Literatura.** Universidade Federal do Paraná. 2008.
- ALMEIDA, Maria Inês de; QUEIROZ, Sônia. **Na captura da voz: as edições da narrativa oral no Brasil.** Belo Horizonte: Autêntica; FAE/UFMG, 2004.
- BARROS, Ivanilde Lima de. **O desejo de navegar e as âncoras na tradição: memória e identidade em Daniel Munduruku.** Universidade Federal de Roraima. Boa Vista - RR, 2001.
- BRANDÃO, Ruth Silviano. **A vida escrita.** Rio de Janeiro: 7letras, 2006.
- BRASIL, **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas. RECNEI.** Ministério da Educação, Secretaria de Educação fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CHAUÍ, Marilena de Souza. **500 Anos – Caminhos da Memória, Trilhas do Futuro.** In: GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (org.). Índios no Brasil. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1994. p. 11-12.
- DUARTE, Érica Fernandes Costa. **De Peri a Munduruku: a inserção do indígena no contexto literário brasileiro.** CES/JF. Juiz de Fora. 2015.
- GESSE, Érika Bergamasco. **Shenipabu Miyui: literatura escrita indígena como expressão de um legado mítico.** UFPR. Curitiba, 2011.
- GESSE, Érika Bergamasco. **Prática escritural indígena: língua e literatura fortalecendo a identidade e a cultura.** UNESP. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013.
- GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo Atlas, 1987a.
- GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar.** Rio de Janeiro: Record, 1997.
- GONÇALVES, Karen Regina de. **Identidade cultural indígena: Interpretações da obra história de índio.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul. UFRGS, Porto Alegre, 2013.
- GRAÚNA, Graça. **Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil.** Recife: UFPE (2003).
- FRANCA, Aline; SILVEIRA, Naira Christofolletti. **A representação descritiva e a produção literária indígena brasileira.** Campinas, jan/abr, 2014. p.67-76.
- LAURIERS, J.-P. (org). **Les méthodes de recherche qualitative.** Québec: Presses de l'Université du Québec, p.58.199.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MUNDURUKU, Daniel. Daniel. **Histórias de Índio**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1996.

MUNDURUKU, Daniel. **Meu vô Apolinário: um mergulho ao rio da (minha) memória**. Ilustrações Rogério Borges. 2 ed. São Paulo, Studio Nobel, 2002.

MUNDURUKU, Daniel. **Sabedoria das águas**, Global Editora, 2004.

MUNDURUKU, Daniel.. **Um estranho sonho de futuro**, FTD, 2004.

MUNDURUKU, Daniel. **Histórias que eu ouvi e gosto de contar**. Callis Editora. 2004.

MUNDURUKU, Daniel. . **Caçadores de aventuras**, Caramelo, 2006.

MUNDURUKU, Daniel.. **Um sonho que não parecia sonho**. Caramelo livros educativos, 2007.

MUNDURUKU, Daniel. **Meu vô Apolinário: um mergulho no rio da (minha) memória**. Ilustrações Rogério Borges. 2a ed. São Paulo, Studio Nobel, 2009.

MUNDURUKU, Daniel. **Mundurukando**. São Paulo: U"Ka Editorial, 2010.

OWENS, L. **Mixedblood Messages**. Norman: University of Oklahoma Press, 1992.

RICHE, R. M. C. **Literatura Infantil e Juvenil Brasileira: Os Caminhos da Produção e o Resgate da Memória**. In: IX Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 2005, Rio de Janeiro.

ROSA, Francis Mary. **Olívio Jekupé: etnia e tradição na escrita de um povo**. Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Alagoinhas — BA. 2014.

ROSA, Sallisa. **Literatura dos Povos Indígenas**. Traduções das experiências culturais para a escrita. Ed. 11, nº 21, ano II set. 2017.

SANTOS, Waniamara J..**As identidades indígenas na escrita de Daniel Munduruku**. Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). 2013.

SANTOS, Francisco Bezerra dos. **Leitura da literatura indígena na sala de aula: Contribuições para o ensino**. UNIRIOS. 2017.

SILVA, Mauricio. **Sobre graúna, graça. Contrapontos da literatura indígena contemporânea no brasil**. Belo Horizonte, Mazza, 2015 . Nova Revista Amazônica | número 5.

SOARES, Tathiana Santo. **A cosmologia indígena na literatura de Daniel Munduruku na obra Meu Vô Apolinário**; Universidade Federal de Sergipe Centro de Educação e Ciência Humanas Departamento de Educação. 2014.

SOUZA, Antônio Carlos Lima: **Sobre tutela e participação : povos indígenas e formas de governo no brasil, séculos XXI**. Mana. vol.21. Rio de Janeiro. 2009.
SOUZA A. C. de Lima,. **Um Grande Cerco de Paz. Poder Tutelar, Indianidade e Formação do Estado No Brasil**. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

THIEL, Janice. **Dez obras para conhecer a Literatura Indígena**. 2012. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/dez-obras-com-a-tematica-indigena/>. Acesso em jan. de 2019.

THIÉL, Janice Cristine. **A literatura dos povos Indígenas e a Formação do Leitor Multicultural**; Pontifícia Universidade do Paraná (PUC-PR), Curitiba/PR-Brasil.2013.